



Vivian Heringer Pizzinga

SECOS & MOLHADOS 73

Inspirado pelo álbum homônimo de SECOS & MOLHADOS



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

SECOS E MOLHADOS

VIVIAN HERINGER PIZZINGA

uma história inspirada por

SECOS E MOLHADOS

SECOS E MOLHADOS

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 2009

1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY VIVIAN HERINGER PIZZINGA
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

SECOS E MOLHADOS

VIVIAN HERINGER PIZZINGA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E LUIZ GUILHERME COUTO PEREIRA**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**



SECOS E MOLHADOS

SECOS E MOLHADOS

LANÇAMENTO: **1973**
SELO: **CONTINENTAL**

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Sangue Latino
2. O Vira
3. O Patrão Nosso de Cada Dia
4. Amor
5. Primavera nos Dentes
6. Assim Assado
7. Mulher Barriguda
8. El Rey
9. Rosa de Hiroshima
10. Prece Cósmica
11. Rondó do Capitão
12. As Andorinhas
13. Fala



SECOS E MOLHADOS

GVIVIAN HERINGER PIZZINGA

1.

Ouviu o grande barulho. Um baque. Um baque ensurdecedor. Assustou-se. Olhou para trás. Caminhava pelo meio da rua. Naquele lugar não havia muito movimento de carros, as calçadas eram largas e ele preferiria o meio da rua para não ter de ficar cumprimentando cada morador encostado no portão. Morava em um sub-bairro de um longínqua região da cidade, um dos últimos da grande avenida. Mas o baque... O que seria aquele baque que até um certo tremor causara nele?

Saíra de casa às pressas, após contar à mãe que ia embora.

“Mãe, é hora de eu ir. Simplesmente não posso mais...”, e os olhos enchendo-se de lágrimas à sua frente eram quase que como um chicote acusatório. Ela, sempre tão empertigada, sempre tão certa de si, sempre com as palavras prontas e nenhuma reticência, ela que era sempre tão plena de certezas, ela que estalava de convicção, que era assim tão compacta, agora ali, mole, não de postura, mas de fluídos... Chorava e salivava, além de ter coriza abundante querendo escorrer de ambas as narinas. Era um grande drama que fazia após ouvir que partiria, que não ficaria para todo o sempre ali com ela, como ela esperava sem admitir. Era necessário que seguisse seus caminhos, ainda que, na visão dela, tortos. Era a sua vida. E, por breves momentos, ela não dissera nada enquanto ele dizia sua partida. Estranhamente, ela apenas ouvira. E ele: há quanto tempo não a via chorar? E, no entanto, aquele choro lento parecia

muito pior do que qualquer dedo em riste apontando acusações e queixas. Não imaginaria, nunca, que preferiria o dedo apontando seus erros. De fato parecia ser melhor do que aquele choro manso, talvez muito mais sincero do que qualquer reclamação intempestiva, qualquer buzina da culpa.

2.

E no meio da confusão de se sentir abandonada, ela se jogou na cadeira da cozinha, ampla cozinha recentemente reformada, jogou-se ali como se tivesse sido jogada, como se fosse papel por ele amarfanhado e abandonado à lata de lixo. Ela fazia com que ele sentisse que era assim e ela quase se sentia assim, objeto descartável e em excesso. E ele se sentou em frente, ainda indeciso, olhando um pouco para ela, um pouco para a porta, alternando o alvo de seu olhar. Ele não queria voltar atrás, ainda que seguisse sozinho e assumisse os possíveis erros, os prováveis lapsos e alguns pecados. Então, ela começou a dizer um monte de coisa, lembrando como foi o dia em que se soubera grávida, como tinha orgulho de ser aquela mulher barriguda da casa, a mais velha de sete irmãos, o primeiro neto que vinha chegando, e ela recordou-se de quando comprava suas roupinhas e brinquedos e de como ia montando o quarto com o pai, que, na época, era interessado, ao passo que hoje afundava-se silencioso todos os domingos à tarde na enorme poltrona de frente para a televisão e nos demais dias da semana também. E ela se perguntava que destino o esperaria, aquele ser humano ainda em formação, e que quando ele nasceu, ela sentiu e pressentiu a felicidade. Ele ouvia tudo, ainda alternando o olhar entre o choro abundante da mãe e a porta da rua, promissora. Torcia as mãos geladas e suadas. Ficava nervoso, mas havia se decidido, após tanto tempo e ainda que parecesse traição. E enquanto ele dava espaço, ela dizia ainda mais coisas, ela falava e ele escutava,

pois não dizia nada por dizer e só falava quando julgava que era o momento de falar e já havia falado que era hora de ir embora, contudo ela tagarelava com pena de si mesma, ininterruptamente, intempestivamente, inacreditavelmente, e o silêncio do filho era quase uma injunção para que dissesse mais e mais coisas. Ela emendava um assunto no outro e relatava que, quando ele ainda era um 'projeto de gente' (ela adorava usar aquela expressão e ele nem achava mais graça naquilo), ficava cogitando sobre o que seria seu filho quando crescesse, se haveria guerra, fome, calamidades, corrupção, roubalheira na TV e no Senado, e torcia que não, e se contentava com seu otimismo e, além de tudo, imaginou que seria um rapaz trabalhador, que formaria família, que se casaria e moraria com a esposa e os futuros filhos perto de casa, tomara que sim. Ou, o que seria o ideal: construiria uma casa no quintal mesmo, o famoso puxadinho, e todos viveriam sempre felizes. E agora ele anunciava a partida? Ela estava escutando bem? Assim, tão repentinamente? Tão inesperadamente? Onde havia errado, onde?!, ela gritava, e o pai veio da sala. Apenas espiou rapidamente a cena, hesitou e voltou. Ele entendia que ela chorava, mas não quis saber os porquês. Preferia não perguntar mais, evitava discussões, e lá da sala o som da televisão ficou ainda mais alto.

3.

Como dizer a ela que encontrara o amor e que ela não permitiria? Que ela atrapalharia, como havia atrapalhado o antigo? Como falar daquilo que ela já esquecera o que era, se é que um dia soube? Era amor o que sentia. Algo que não tinha palavras condizentes que pudessem explicar e sanar todas as dúvidas do conceito amor e justo porque amor não era um conceito, ainda que filósofos e romancistas até tentassem. Era como uma pluma, deleite sem nome ou peso, um vento perfumado, um jasmim planando nalgum lugar, um sopro de ar envolvente e rosáceo, como explicar o que era aquilo? Mais capcioso ainda: como fazê-la entender o que podia ser a vida sem suas regras, metas, setas, merdas? Queria a vida noutra canto e como dizer a ela que estava cansado de suas diretrizes, de suas buzinas, de seu controle, como dizer isso a ela? Não era fácil... Para se ter uma ideia da gravidade da matéria, seu quarto, no segundo andar, tinha uma janela voltada para o terraço onde ela lavava a roupa, no tanque, e onde as estendia no final de tudo. A posição que tinha para lavar a roupa era na mesma linha da janela do quarto. E desde Michelle, a antiga namorada que não suportou um namoro repleto de intromissões, invasões e irritações, desde então ele não aguentava mais manter a janela aberta. Pois antes a mãe sabia tudo o que se passava dentro do quarto. Apenas à noite havia alguma privacidade. E naqueles momentos antigos, quando estava sozinho, era quando podia ler, era quando podia desenhar infinitamente, era quando

podia criar, era quando fazia seus quadros e escrevia seus poemas, era quando podia ouvir música em paz e até dançar no clímax da empolgação. Sem quem reclamasse ou emitisse pareceres. Agora estava com 23 anos e era a hora de ir embora porque era horrível notar que havia alguém que queria saber todos os passos que dava e quem ligava e para onde ia e que horas ia voltar e quanto recebia na empresa onde era o ilustrador e mais isso e mais aquilo e mais aquilo outro. E nem era por Michelle, aquilo tudo. Michelle havia ido embora há quase quatro anos e ele não costumava lembrar tanto dela. Porque, quando lembrava, era com dor. Mas agora havia Lourdes e ele pretendia iniciar uma nova vida, mesmo que não iniciasse um namoro.

“Mãe!”, ele resolvera interromper o fluxo verbal e emocional e ela até se assustou, parando por um minuto e arregalando os olhos em direção ao filho. Ele dissera, naquele momento, ainda em casa: “Mãe, você é dessas mulheres que dedica toda a vida ao filho e não permite que ele viva. Não tenho dívida alguma com você porque você pintou meu quarto de azul quando estava grávida de oito meses. Não tenho dívida alguma com você porque recebi presentes nos aniversários e fui bem alimentado. Ou melhor: eu achava que tinha uma dívida sim. Como se tivesse assinado um tratado, um contrato, uma cláusula qualquer que dissesse que, por me dar a vida, teria de dedicar toda ela a você! E, se assinei o que quer que seja, rompo com tudo isso agora, traio os possíveis lucros que, tenho certeza, são apenas seus!”.

E via-se que ela não entendia e repetia: “É absurdo! É absurdo!”, porque ela não compreendia mesmo que ele dissesse que viver ao seu lado era dedicar sua vida de volta a ela como recompensa... Ele devia se sentir grato pelo seu

interesse. Ele devia se sentir feliz por ela estar sempre ali, ao alcance. Ela não atinava que o problema todo era que ela queria mantê-lo ao alcance, ele tentou explicar. Daí que comprara o celular e daí que ele o espatifara contra a parede, meses atrás, quando só tinha coragem de gritar com ela e de quebrar alguma coisa na casa, mas sem a menor iniciativa de anunciar as mudanças de rumo. Ladrava, mas não mordida. Ela repetia, a voz ficando rouca por já berrar tanto: 'é absurdo tudo isso, é absurdo!'. E ele concordou: 'exatamente, isso tudo é um grande absurdo'. Olhou então novamente para a porta, fitando-a longamente. Não conseguia mais voltar o olhar para a cara lambuzada de choro, vermelhidão e autocomiseração da mãe. E reconhecia alguma felicidade, escamoteada no fim de alguma coisa que podia chamar de si mesmo. Felicidade por perceber que não esperava mais nada e que podia, enfim, agir.

4.

Lembrou de um livro da aula de filosofia que assistia no curso de Adolfo, o melhor amigo. O professor falara de André Comte-Sponville e lera um trecho de *A Felicidade Desesperadamente*, título que o intrigara desde o início. A aula era sobre filosofia antiga e passeava por Sócrates, Platão, Aristóteles, ia dos pré-socráticos aos neo-platônicos, e como Sponville, o filósofo do qual ele nunca ouvira falar, remetia-se a Platão inúmeras vezes, o professor resolveu dar algumas aulas sobre ele e seu texto. E a partir daí ele começou a entender, o que foi uma continuidade e não um fato pontual. Não, não foi de imediato que ele entendeu que esperar era um peso e que a esperança causava dor nos ossos. Aérea uma ova! Bem polpuda, densa, espinhosa! Quase um pedregulho, e dos maiores, dos maiores! E que, sendo assim, era melhor não esperar nada. Pois a felicidade só pode advir de um desespero, de quem nada espera. E aquilo pareceu-lhe estranhíssimo à primeira vista, rendendo longas conversas no trem com Adolfo, que estudava filosofia por gosto há alguns anos, e os debates intermináveis só eram mesmo cabíveis pois ele sabia que fazia algum sentido, isto é, faria algum sentido se se detivesse um pouco mais sobre aquelas ideias. E, quando chegava em casa e olhava para mãe, era um cansaço o que sentia. E uma pequena vontade de tentar explicar aquelas coisas a ela, tanto que no início tentou. Ela em meio aos vapores do fogo e do forno, em meio aos odores de tempero, em meio aos calores do horário do almoço, e ele tentando, sem

usar nomes ou palavras difíceis, explicá-la aquilo tudo, explicar o que ele era, explicar o que ele ouvia e o que queria. Mas ela passava ao largo de qualquer entendimento, e ele foi aos poucos desistindo. Não deixava de ler e reler o livro, que acabou comprando, e viu que a esperança, como dizia Sponville, era um mal. E que, enquanto esperasse do outro, nada faria por si. E, nessa de esperar, Michelle havia ido. E, nessa de esperar, Lourdes quiçá jamais viesse. E foi lembrando de tudo aquilo que a porta da rua tornou-se mais convidativa e que o cheiro da mãe despedaçada ia causando-lhe náusea. Seria um perigo se vomitasse. Atrasaria tudo, retardaria as decisões, debelaria as ações. E sem mais pensar e sem mais pestanejar, foi para rua, a passos rápidos, lançando um brado e um desabafo.

5.

Agora ele se distanciava cada vez mais, como em uma fuga muda, silente, disfarçada. Era preciso transparecer calma para os transeuntes. Ninguém podia desconfiar de que fugia. Tinha de aparentar a tranquilidade que estava longe de sentir. Não podia deixar qualquer possibilidade de captura. Estava escapando. Escapando de si mesmo, talvez, uma vez que aqueles dedos em riste, que sempre estivera acostumado a tomar para si, eram também um pouco aquilo que às vezes chamava de 'eu'. Como viveria sem as acusações de antes? Aquele era seu alimento e seu motor e, de repente, em um momento de disparate, em um instante de esmagamento, fugira.

Andava com pressa, escapava... mas o baque... o barulho que reverberava no ar... aquele barulho o alcançava. E o atraía para trás... fazia com que sua cabeça quisesse se voltar e ver o que era... o que havia acontecido... de onde vinha tamanho som... viria de sua casa, agora não mais possível de ser vista? Seria um eco de seu berro gutural?

6.

Mirou o céu após perceber as primeiras gotas de chuva da tempestade que se iniciava. Ora, aquilo parecia conspiração! Tudo armado para tornar a atmosfera ainda mais dramática! Então seria o personagem de alguma peça de um dramaturgo clássico e há muito não encenado, agora adaptado por Domingos de Oliveira ou Aderbal Freire Filho? Era aquele o cenário e a sonoplastia? Após os prantos e a discussão, só faltava aquilo mesmo: o negro céu despencando em trovões e relâmpagos, a tempestade que o envolvia sem saída?! Não, não era uma peça montada por Domingos ou Aderbal, era uma novela mexicana, com todas as nuances e fórmulas do dramalhão, não era possível aquilo que estava vivendo! Rajadas de trovoadas e vento disparatado em plena primavera, onde flores e frondosas copas eram o esperado? Agarrar-se-ia à primavera e resistiria, se preciso fosse!

Resolveu acelerar o passo. Não podia dar chance ao azar. Sentia sua pele esfriando e gotas de suor proliferando... Começava a transpirar e não sentia calor. Era um suor frio, tão frio quanto suas mãos agora, misturado à chuva, que começava a encharcá-lo. O coração acelerava. Sim, ele reconhecia as sensações. Medo, angústia, temor... era o desconhecido à sua frente. Era o amor que o atraía para todo aquele movimento. E sabia que até concretizar esse amor que não se podia apontar, indicar, decifrar ou decodificar, tinha de ficar em algum lugar. O amor era apenas uma gota d'água para a decisão que vinha acalentando e

preparando há muito tempo, desde antes da partida de Michelle. Já naquele tempo ele se deu conta de que havia algo de muito errado. De que tinha que forjar uma personalidade que não era sua para habitar em sua casa. Michelle havia ido embora, ele havia abdicado de seu amor por ela. Mas agora era uma outra coisa aquilo que fazia com que ele fosse embora. E não sabia muito bem que atitude tomar e que destino o aguardava. Chegaria à casa de Adolfo e talvez pudesse dormir lá uma ou duas noites. Como quando iam às festas ou quando não tinha mais ônibus para voltar para casa das noitadas na Lapa. Mas e depois?

7.

Andava tão rápido e pensava tanto que sentiu uma tontura avassaladora. Chovia tanto que sua vista ficava embaçada, fazendo com que tropeçasse e por fim caísse. Não havia ninguém passando. O peso era mesmo grande: dos gritos da mãe? Do temporal inesperado? Da decisão? Da esperança que deixava a casa e abria os caminhos? Da felicidade não permitida? O peso era grande e ele agora arrastava-se tentando chegar ao meio-fio e já via toda a gosma amarela que saía de sua boca e encontrava o chão da rua. Ao menos o vômito não havia sido em casa, piorando a situação. Lembrou que não comia há mais de dez horas, desde que acordara, e já era noite. A angústia retirava todo e qualquer apetite e ele passara a manhã remoendo os passos que daria, as palavras que usaria, o momento oportuno, a desistência que se insinuava e que ele repelia com força. Ele vomitava mesmo sem ter o que vomitar. Sentiu-se verdadeiramente tonto e não sabia mais onde estava. Qual era o seu nome? Qual era o seu bairro? Que país era aquele em que estava? Monarquia ou República? Subitamente, viu ao longe, um serzinho miúdo que troteava e trauteava uma música que ele conhecia, mas que não sabia precisar qual era, uma música infantil? O serzinho passou ao seu lado rindo, e sua gargalhada aumentava cada vez mais à medida que se distanciava, o que contrariava as leis da física corriqueira que aprendera no colégio. De repente, o serzinho inclinou-se, agachou-se, foi andando de quatro, e ele o viu desaparecer na rua, rastejando-se mais ainda do que ele. O

serzinho sumiu. Era atarracado e gordinho. Foi então que distinguiu à distância outros serezinhos que caminhavam na mesma velocidade, sacudindo-se como o primeiro, porém um pouco mais miúdos, e também cantarolavam uma canção parecida. Eram muitos, formavam um séquito, uma romaria, e carregavam velas, que estavam milagrosamente acesas ainda que embaixo de todo aquele toró. Eles seguiam em frente e olhavam para ele de soslaio, ele não sabia distinguir bem quais eram as emoções ou intenções daqueles anões. Anões? Ele não sabia se eram anões, mas eram realmente muito baixinhos. Espada na cinta, sinete na mão... – era isso o que escutava, perdendo-se conforme se distanciavam mais? Chegou a achar graça. Eram anões um tanto quanto hilários em sua caminhada melódica e em seu olhar de falso desprezo. Poderiam ser duendes? Gnomos? Nánicos? Japoneses disfarçados? Smurfs? Arrastou-se um pouco mais, como quem quer levantar, entretanto não sentia força alguma, e avistou ao longe mais serezinhos miúdos, só que agora assobiando a canção. E eram novamente milhares, que rapidamente passavam por ele, ignorando sua existência mas olhando-o de rabo de olho. E suas vestes eram coloridas, alguns tinham espessos bigodes e outros tinham barbas longuíssimas, alguns tinham cabelo vermelho, outros eram totalmente carecas e havia um perfume que eles deixavam para trás também e ele ia se arrastando, tentando se afastar de tudo aquilo, embora se sentisse zozzo para levantar. A chuva foi amenizando um pouco e os pingos deixaram de machucar seu corpo encurvado. Tentou novamente levantar e foi obtendo êxito à medida que se erguia. Cambaleou levemente e percebeu que a chuva cessava, enfim. Um pouco mais revigorado, percebeu que o céu continuava carregado, ameaçador. Ameaçador. A vista um

pouco menos nublada. Viu um gato preso cruzando ao longe debaixo de uma escada. Agradeceu silenciosamente por não ser supersticioso e por perceber que seus sentidos andavam imaginativos. Notou também que algumas janelas se abriram, parecia que as pessoas estavam à espreita, prontinhas para escancarar suas casas ao menor sinal de trégua da chuva inoportuna. E o viam, andando devagar, sem forças, cabisbaixo. Ele queria desistir? Ele queria o quê? O que diziam dele, aquelas pessoas na janela? Era uma plateia jocosa, ele sabia.

8.

Foi naquele momento que ouviu um novo baque. Agora um grande estrondo. Que o trouxe de volta a si e à sua meta. Era preciso continuar. Mesmo que não soubesse bem se queria seguir em frente ou se sua inclinação maior era para a volta. Mas não, não podia voltar. Novamente ceder, não! Brigava contras as forças de si mesmo que o empurravam para o retorno indesejado. Ceder uma vez mais, não! Como todas as outras vezes, com o rabo entre as pernas, as outras vezes em que sequer tentara? Enfrentar ainda o mau-humor da mãe que se sente ofendida e que o vê como ingrato? Aturar novamente aquela rotina acachapante da casa e da família e a inércia carente de visibilidade do pai? Tudo aquilo de novo, como se fosse destino pregado às suas costas, martelado em sua testa, fixado em seus contratos, pratos, tratados? O fato é que tinha que admitir que seguir adiante era mesmo difícil. Sua vida, doravante independente, trazia surpresas insuspeitas e vicissitudes comuns a todas as outras vidas. Não era nada de especial que simplesmente saísse de casa. Todos teriam de se acostumar, inclusive ele. E poderia construir, a partir daí, um novo caminho, mesmo que não soubesse muito bem como, mesmo que Lourdes nem sequer suspeitasse daquele suave sentimento que nutria por ela. Ele tentaria traduzir a ela aquele amor, mas antes precisava continuar. Continuar aturando as perguntas que o comprimiam contra si mesmo e as contornando, para tentar solucioná-las num outro momento: o que haveria após a próxima esquina? O

que haveria se virasse para o lado? Não sabia o que encontrar, ao mesmo tempo em que não sabia o que deixara para trás... Enquanto sua mãe, lá atrás, pensava saber de tudo ou de quase tudo, ele ali não sabia de nada ou quase nada. Ou sabia apenas que era algo de muito valioso o que agora abandonava e que não tinha certeza se um dia poderia reaver. Valioso e sofrido, ele sabia. Mas agora... não podia mais. Ainda que soubesse que seguia sozinho, sabia também que não estava vencido, e que se um dia houvesse jurado alguma mentira, prometendo a ela o que já não podia mais dar, agora estava sendo sincero ao dizer: “Mãe, simplesmente não posso mais. Não posso mais...” Minha alma é livre. Minha dúvida é imensa. Minha vontade é gigante. São duas horas da madrugada desse dia enorme de longo e é preciso não voltar atrás.

9.

E então as lágrimas. Suas. Dela. E ainda assim podia sorrir, o sorriso largo e a boca cheia das cores de uma primavera agora aprisionada em si.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br